

A musa prática¹

Vinicius de Figueiredo

Professor do departamento de filosofia da Universidade Federal do Paraná

"A princesa possuía em sua vasta biblioteca as obras completas originais de Kant, mas o exemplar da *Kritik der praktischen Vernunft* foi justamente o único da biblioteca que sobreviveu até nós através de sua presente reprodução bilíngüe. Parecer-me-ia por isso justo considerar a princesa a musa desta edição brasileira da *Crítica da razão prática*".

(ROHDEN, V. "Introdução à edição brasileira", in: KANT, I. *Crítica da razão prática*. Trad. V. Rohden. Edição Bilíngüe. São Paulo: Martins Fontes, 2003, pp. xxxi-xxxii).

* * *

Uma princesa prussiana com a *Crítica da razão prática* a tiracolo: não é a própria personificação do progresso moral da espécie na fase de sua transição do absolutismo para a modernidade? E vejam que a personagem faz jus ao epíteto. Segundo uma carta da época, a que recorre o tradutor brasileiro da razão prática, nossa heroína era figura mais complexa do que se poderia pensar à primeira vista. Lê-se, no documento em pauta, que ela se entregava a práticas que escandalizariam, se não Alexandre VI, certamente nosso Papa atual. Banho de rio com um séquito de lacaios, conhecimento do latim e do grego (Homero ela lia no original), forte inclinação por poemas metafísicos. Como registra o mesmo depoimento: "*elle doit avoir beaucoup de lumières, d'esprit et de connoissances*". Seu sobrenome é uma rara malícia intravascular: A. F. von Gallitzin (1748-1806). Pouco sabemos de sua *toilette*, afora que costumava portar "*une espèce de draperie grecque*,

¹ Este texto faz parte de um livro em preparação, *História do mundo por um fio*, um projeto que, como anuncia o título, é interminável.

les cheveux coupés, de souliers plats". Em resumo: uma esclarecida *avant la lettre*, que, como a prevenir-nos que a luz está fora do texto, deixou atrás de si o perfume silvestre de uma leitura da moralidade kantiana avessa às interpretações edificantes de hoje.

Quem reparou nisso e o transpôs em carta à uma amiga – eis nossa fonte – foi outra personalidade germânica, Carolina Michaelis, que mais tarde se tornou Caroline Schlegel-Schelling. Esta não apenas se casou duas vezes, como trocou ato contínuo o primeiro marido pelo segundo. Daí o nome duplo com que entrou na História (com o H alemão): não são duas, mas uma só mulher, divina e devassa, vértice do idealismo absoluto! Ela se casou com Schelling e o largou por Schlegel ou viceversa, pouco importa, pois em terra de declinação – *ling* ou *lege* – no que o começo interessa? No contexto em que tudo se passou – estamos na virada do século 18 para o 19, quando a inteligência alemã, puxada por Herder, Schiller e Goethe, se rebelava contra o jugo da cultura francesa – o mais significativo não é a fidelidade ao *Herr*, mas ao idioma. Só que aí a história, agora com minúscula, se complica. Carolina, talvez temendo perder sua autonomia em meio a tantos gênios, de vez em vez traía a todos, escrevendo maravilhas em francês. Foi por causa de um tenente de Napoleão por quem se apaixonou em plena invasão francesa, aliás, que Carolina terminou se envolvendo com os idealistas alemães. É que o tenente retornou à França, e Herr *Ling* ou *Lege* casou-se com ela para salvá-la da desonra de ter se apaixonado pela doce língua inimiga.